

# ROSA DOS VENTOS

eventos, efemérides, notícias, anúncios e recensões



**OUTUBRO 2020**

**ano 1, nº 3**

**Boletim Informativo de Saude Associação**

[www.maresaude.org](http://www.maresaude.org)

# OUTUBRO



*No crescente semearás  
Centeio, cevada e trigo;  
No minguante te digo  
Toda a fruta apanharás.*

De *october*, oito, por ser o oitavo mês do calendário de Rómulo. Com a reforma de Numa Pompílio passaria a ser o décimo, depois de introduzidos os meses de Janeiro e Fevereiro. Os latinos dedicaram-no a Marte, a Igreja romana transformou-o no mês do Rosário.

## Anexins

Com a vinha em Outubro, come a cabra, engorda o boi e ganha o dono  
Em Outubro centeio ruivo  
Em Outubro não fies só lâ; recolhe o teu milho e o teu feijão, senão de Inverno tens a tua barriga em vão  
Em Outubro o fogo ao rubro  
Em Outubro o lume já é amigo  
Em Outubro ou secam as fontes, ou passam os rios por cima das pontes  
Em Outubro paga tudo e recolhe tudo  
Em Outubro sê prudente, guarda pão, guarda semente  
Janeiro gear, Fevereiro chover, Março encanar, Abril espigar, Maio engradecer, Junho aceifar, Julho debulhar, Agosto engravelar, Setembro vindimar, Outubro seca tudo  
Lua Nova de Agosto carregou, Lua Nova de Outubro trovejou  
Outubro paga tudo  
Outubro pega tudo  
Outubro chuvoso faz o ano venturoso  
Outubro chuvoso torna o lavrador virtuoso  
Outubro derruba e colhe tudo  
Outubro meio chuvoso torna o lavrador venturoso  
Outubro, Novembro e Dezembro, não busques o pão no mar  
Outubro, Novembro e Dezembro, não busques o pão no mar mas torna a teu celeiro e abre teu mealheiro  
Outubro nublado, Janeiro molhado  
Outubro quente traz o diabo no ventre  
Outubro recolhe tudo

Outubro revolver, Novembro semear, Dezembro nascer: nasceu um Deus para nos salvar  
Outubro seca tudo  
Outubro sisudo colhe tudo  
Outubro suão, negaças de Verão  
Outubro vaca para o palheiro e barco para o outeiro  
Quando o Outubro for erveiro, guarda para Março o palheiro  
Quem planta no Outono leva um ano de abono  
Vindima em Outubro, que São Martinho to dirá

## EFEMÉRIDE

### Outubro 20 – Santa Iria, mártir

Santa Iria é advogada das tecedeiras.

É sintomática a ambiência lendária (que busca legitimidade em São Frutuoso, São Martinho de Dume e Paulo Orósio), em que pontifica a *misteriosa* figura de Santa Iria, cujo culto se documenta no Norte de Portugal desde o ano 985.

Sublinho o adjectivo *misteriosa*, porquanto a hagiografia cristã não apócrifa só reconhece uma Iria canonizada, companheira das Santas Ágape e Chiónia, e, tal como elas, martirizada em Tessalónica (Macedónia), na Grécia, com festa litúrgica a 3 ou 5 de Abril.

Não obstante, uma tradição, documentada justamente a partir das *Inquirições* dionisinas de 1317, assinala o martírio de uma santa portuguesa homónima da oriental junto das margens do Nabão, numa cidade denominada *Nabância*, sobre a qual são omissas todas as fontes e autores antigos que se ocupam da descrição do território peninsular sob os domínios romano, visigótico, ou qualquer outro.

A aparente teimosia de se alegar tal martírio (de pura fantasia) na Lusitânia, no ano 653, no local onde se situa o pego dito de Santa Iria (Tomar), parte integrante do convento com a sua invocação, torna-se um convite à especulação.

Não estaremos perante a adaptação de um relato hagiográfico apócrifo e de origem obscura a determinadas circunstâncias tópicas que, dessa forma, envoltas pelo sagrado, se haviam de perpetuar mais facilmente, transmitindo uma mensagem sincrética capaz de ser decodificada pelas gerações vindouras, detentoras do código adequado? Sobretudo porque, volto a sublinhar, é nas *Inquirições* de Dom Dinis (1317), a propósito da instalação dos templários na região, que, pela primeira vez, surgem o nome de *Iria* e de *Selho*, abade de Santa Maria dos Olivais, e respectiva hagiografia associados a Tomar!:

“[...] Era de mil e trezentos e cinquenta e cinco anos [ano de Cristo de 1317] postrumeiro dia de Dezembro, Domingos Pais Roussado morador e vizinho da vila de Tomar jurado sobre os santos evangelhos [...]. [...] ouvira dizer a muitos e bons e cria que ali onde ora está Santa Maria de Tomar [Santa Maria do Olival] que fora cidade e fortaleza de cristãos e havia nome Nabância e que ali onde ora está Santa Maria de Tomar que fora mosteiro de frades da ordem dos negrados [São Bento] e que houve aí um abade que chamavam Dom Selho irmão da madre de Santa Eiria o qual abade enviou a Roma para autenticar Santa Eiria por santa depois da morte dela e que agora há aí duas igrejas desse tempo antigo: uma há nome de São Fins e a outra Santa Eiria. [...]”.

O testemunho mais antigo da *Vita Sanctae Eirene*, decerto de origem romanesca e cujas fontes não tem sido possível averiguar, subsistiu no breviário bracarense de 1470.

Porém, só no ano de 1494, num *Breviarium*, a lenda seria acrescida de pormenores adicionais, posteriormente muito amplificados, até ser definitivamente fixada em outro *Breviário* dito *Eborensis* (fl. 383), datado de 1528.

Dado que o antropónimo *Iria* ou *Irene* deriva do grego *Eirené* e este remete para uma mártir de Tessalónica, não se pretenderá, ao reportá-lo a Tomar, aludir de maneira explícita à origem grega da comunidade moçárabe local (expoente de uma forma de cristianismo bizantino)? Ou, então, às suas origens orientais, se se optar pela hipótese de o nome da santa não passar da simples cristianização de *Oureana*, a Fátima muçulmana?

Tratando-se, como de facto se trata, de uma lenda semanticamente tão rica (cifrada num registo helénico), convirá salientar alguns aspectos, cuja simples enumeração é capaz de permitir vislumbrar algumas das acepções em que é legítimo encará-la, motivos, de resto, mais que suficientes para suscitar uma reavaliação da mitologia fundante de Tomar:

1. A palavra grega *Eirené*, tal como o termo Jerusalém, são sinónimos de *Paz*, conceito simbolizado pelo ramo de oliveira (do olival), de cujo fruto se obtém a Luz (quer a física que alumia, quer a espiritual que unge), e pela pomba do Espírito Santo (*Charis*, a graça ou dom divino);

2. Os progenitores de Iria são os nobres *Hermígio* e *Eugénia* (de nobre raça, de alta estirpe ou bem-nascida), por outras palavras um sacerdote de Hermes e a Filha do Génio ou Espírito do lugar, Gea ou Demeter (a deusa Mãe);

3. Iria é sobrinha de uma *Casta* (pura) e de uma *Júlia* (linda);

4. Iria é monja beneditina - alusão directa ao parentesco entre os monges de São Bento (*olivetanos*, cujo cenóbio originou Santa Maria do Olival), o culto das estrelas e de Mitra e a demanda do Graal - de uma comunidade chefiada pelo *Abade Célio* (*celeste*, mas também o que *cobre* ou *oculta*), homónimo do rei de Eleusis, que ali recebeu Demeter, e denominação análoga à dos sacerdotes, *Selli*, que, em Dodona, no templo do famoso oráculo de Zeus, interpretavam os desígneos deste pelo rumorejar dos carvalhos sagrados;

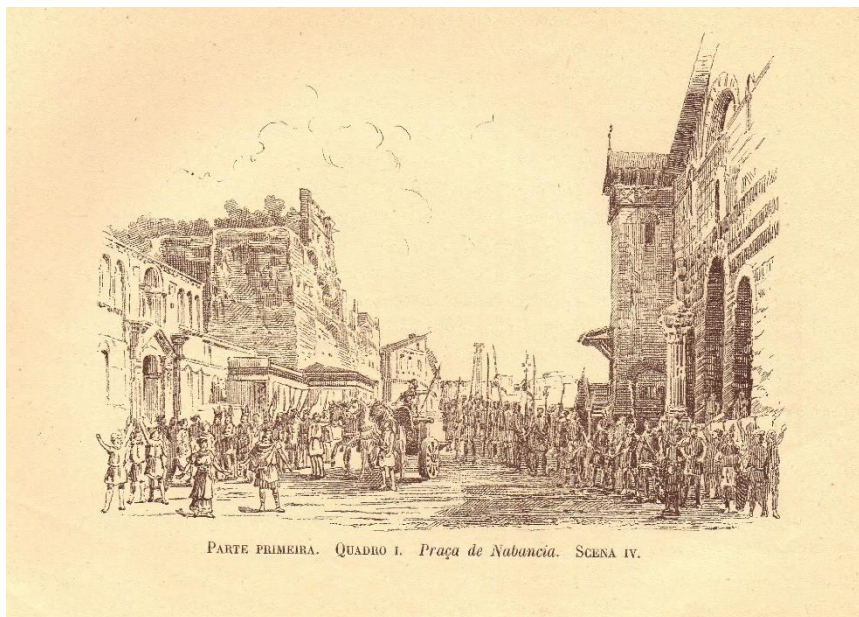
5. Iria é decapitada (apunhalada, segundo outra versão) por *Banão*, nome originado pela desordem das sílabas de Nabão (palavra cuja raiz, *nab* ou *nav*, é sinónima de *omphalos* = umbigo, centro e, concomitantemente, branco e numinoso) e, por conseguinte, adequado ao destruidor da ordem tradicional encarnada pela mártir. Além disso, *Navia* ou *Nabia* personificava o espírito de profecia e adivinhação entre os hebreus, os quais o consideravam emanado do próprio *Javé*;

6. Após a consumação do crime, os mandantes, Remígio e Britaldo, refugiam-se em Roma, alegadamente para expiarem as suas culpas, quiçá, antes, para significar a adesão da comunidade a que pertenciam à ortodoxia latina?

*Lenda hagiográfica do martírio de Santa Iria, de acordo com  
Ho Flos Sanctorum, de 1513*

[...].

E a santa virgem Iria ia cada ano uma vez com outras monjas, em dia de São Pedro à sua casa devotamente ouvir os divinos officios. A qual estava cerca dos paços do dito Castinaldo, onde eram muitas relíquias de santos. Ali vinham grande gente à qual assim vinha aquele nobre homem Castinaldo com sua mulher e nobres de sua casa. Este Castinaldo havia um só filho muito aposto mancebo e assaz bem acostumado, muito homem de prol, em todos seus feitos mui composto. O qual ouvindo dizer da formosura de Iria e de seus bons costumes, desejou de a ver. Mas o diabo acendeu seu coração no amor dela tanto que a viu e começou ser afincado em seu amor e carnal desejo, mas sendo refreado, assim com temor de Deus como pela reverência dos nobres pais, da virgem e do reverendo abade seu tio não ousou mostrar seu amor. Ante segundo costume dos amantes enfermou tão fortemente que caiu em cama, da qual cousa os nobres seus parentes mui anojados faziam todo remédio por sua saúde vindo físicos de todas as partes. Mas os físicos, não conhecendo a dor, não lhe davam algum remédio que aproveitasse posto que muitos os fizessem. Mas a bem-aventurada virgem, por divinal revelação, conheceu a causa da dor e movida de piedade, e assim pelos parentes como muito mais pelo perigo dele e da sua consciência, pediu licença e com algumas das suas irmãs o foi visitar. E querendo com zelo de Deus e virtude de caridade remediar sua paixão quis só falar com ele, ao qual disse mui humildosamente:



PARTE PRIMEIRA. QUADRO I. Praça de Nabância. SCENA IV.

*Nabância* – cenário de Luigi Manini destinado a  
*Irene* – drama lírico em quatro partes, Versos de C. Fereal,  
Música de Alfredo Keil, Cenários de Luigi Manini

-- Meu irmão, esta enfermidade não é de morte, mas por virtude de Deus haverás saúde, se tu por Deus negares ao teu coração aquilo que lhe apresentaram vãmente teus olhos. Nem faças aquilo que maliciosamente cobiçaste, refreando a ti mesmo com temor e amor de Deus, nem obres em tua carne para que a tua alma seja gravemente atormentada, porque o pecado ligeiramente se faz, mas a sua punição fica para sempre, e uma breve deleitação dá tormento sem medida nem termo. Porém, lembra-te, irmão, que toda a carne é feno e toda a glória do mundo como flor dele.

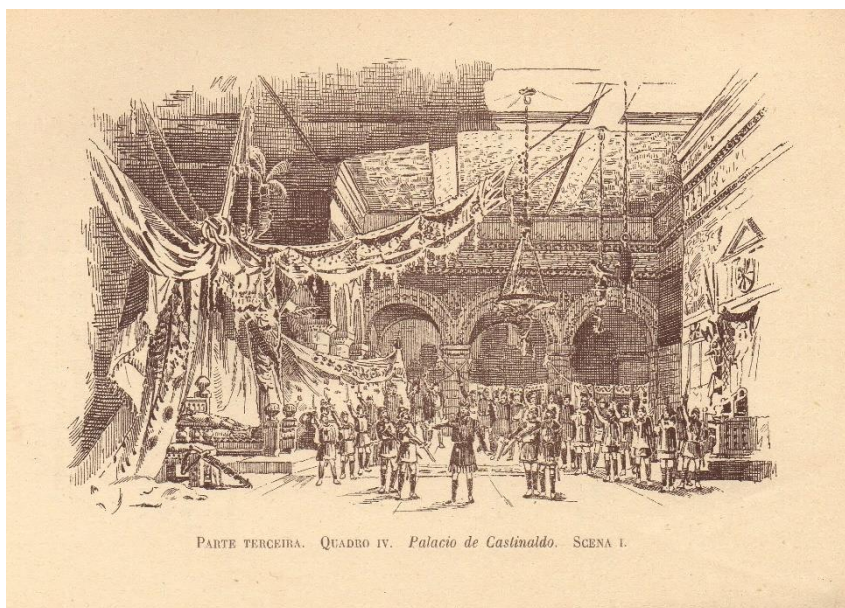
Ouvindo estas cousas, o mancebo disse:

-- Eu sei que conheces a causa da minha enfermidade, mas assim sabe que se eu pelo teu amor morrer ou tu deres a outrem o que a mim negas, que eu ou outrem por mim te matará.

-- Longe seja de mim, irmão, que eu haja de cumprir a tua suja vontade, nem de algum outro, mas oro ao meu Senhor Jesus Cristo que te confirme em virtude e bem, e te dê saúde desta hora adiante.

E dizendo isto, pôs as mãos sobre ele, e assim se partiu e tornou-se a seu claustro. E o mancebo logo se sentiu aliviado e alevantando-se do leito foi inteiramente são pelas orações da virgem Iria. A qual cousa vendo os parentes do mancebo deram muitos louvores a Deus e a sua serva Iria muitas graças e à casa onde estava grandes esmolos, e muito acrescentaram.

Mas o diabo, nosso contrário, não podendo suportar tanta virtude quis tentar a santa virgem. E depois dois anos meteu no coração do monge Remígio, que era mestre seu, que a amasse de corrompimento e sujo amor e assim fortemente o acendeu que o tirou de seu siso. E pospondo toda vergonha se desnudou de mandar à virgem de Deus consagrada, e por ele mesmo mui bem ensinada, e requerendo-a por suas sujas palavras e ora por afagos ora por ameaças, mostrando-lhe sobejo rigor, não cessava de combater o coração da virgem.



PARTE TERCEIRA. QUADRO IV. *Palacio de Castinaldo.* SCENA I.

*Paço de Castinaldo em Nabância* – cenário de Luigi Manini destinado a  
*Irene* – drama lírico em quatro partes, Versos de C. Fereal,  
Música de Alfredo Keil, Cenários de Luigi Manini

Mas ela, fundada sobre a firme pedra e mui forte no amor de Deus, calando primeiramente e orando ao Senhor por sua virgindade e alumiamento do mestre e sendo em si mui maravilhada de tanta malícia do diabo, e desnudamento da fraqueza humana, sendo assim por ele combatida, amiudadamente impugnada e tentada, armada do temor de Deus e alumiada da sabedoria divina assim lhe disse, com mui grande quebranto e paixão do espírito pela sua malícia:

-- Ó bom mestre, até agora me ensinaste o caminho da verdade e ora me queres induzir ao caminho da morte. Até agora me avisaste e aconselhaste a limpeza e a guarda da virgindade e agora me aconselhas as vilezas e sujidades e os conselhos do diabo. Mas tu sabe, mestre que eu por virtude de Deus já uso de tanta razão, e Deus me deu tanto entendimento e tu me hás tão bem doutrinado e aconselhada que eu sei o que devo escolher, tomando o bem e fugindo o mal e por cousa nem razão alguma me não poderás subjugar aos teus malvados conselhos. Mas tu, bom mestre, torna, torna sobre ti, e agora toma para ti aqueles bons conselhos que sempre me deste e

toma para ti parte que a tua alma não pereça, e eternamente seja enlaçada nos laços de Satanás, e as obras que por longos tempos conservaste não queiras agora em um momento e por uma vil deleitação obrigar tua alma às penas perpétuas. Vê, mestre, porque como quer que boa obra seja ensinar as virtudes, caminho da vida, muito melhor é segui-la.



PARTE QUARTA. QUADRO VIII. *As margens do rio.* SCENA II.

*O Nabão* – cenário de Luigi Manini destinado a  
*Irene* – drama lírico em quatro partes, Versos de C. Fereal,  
Música de Alfredo Keil, Cenários de Luigi Manini

Vendo Remígio, monge, que a santa virgem estava mui firme na virtude e que por nenhuma arte de palavras, nem por alguma razão se movia, ardendo em si mesmo e cheio de maior maldade e crueza, ensinado pelo maligno espírito cuidou por de a difamar. Porém, compôs um sumo de ervas mui artificiosamente, o qual lhe misturou com o beber. Com a qual beberagem a santa virgem começou de inchar pouco a pouco, assim propriamente como se fosse prenhe e haver todos os sinais de prenhez sendo a santa virgem não corrupta na alma e corpo. E crescendo aquele autor de tanta maldade em sua malícia, ele mesmo começou, primeiro secretamente e depois publicamente, infamar a esposa de Cristo, Iria. E desprezando a ele mesmo e fazendo desprezar a quantos a conheciam e escarnecendo de sua religiosidade e todos falavam dela. Pelo qual, assim dos parentes como dos do abade seu tio e suas tias e todas outras pessoas que antes a amavam e requeriam seus falamentos já agora desprezando-a e repreendendo-a a haviam em ódio e, fugindo, maldiziam dela. Mas a santa virgem não era menos maravilhada vendo crescer seu ventre e sentindo-se embargada, sabendo para sua consciência e havendo sua alma negava o conceito àqueles que a perguntavam, dizendo a verdade. Mas não era criada dando todos mais fé ao que viam que ao que ouviam. E ouvindo Britaldo, filho de Castinaldo, estas cousas começou mais de arder em desejo da virgem e havendo grandes ciúmes pelo feito e havendo grande ira dizia:

-- Esta desprezou a mim que assaz sou nobre, fazendo sua vontade com algum vil como má mulher, o qual lhe será causa de morte e porque meu coração outra vez se acende em seu amor demandá-la-ei, e se ela negar eu a mandarei matar porque não venha por ela em enfermidade.

Então a mandou cometer, prometendo-lhe haver se consentisse a seus desejos e por não consentir ameaçando fortemente. Mas a santa virgem, fundada em o Senhor, desprezou suas ameaças, pelo qual Britaldo vendo-se desprezado falou com um escudeiro de seu pai, homem de grande audácia e denodado, chamado Banão, e o rogou que a matasse secretamente e a lançasse no rio porque seu feito melhor se escondesse. O qual se dispôs a o cumprir esguardando lugar e tempo. E espreitando viu que depois das matinas, em alvorecendo, a santa virgem saiu do claustro e estava cerca da ribeira do rio orando e dando louvores a Deus encomendando-se a ele mui devotamente e mui maravilhada de seus trabalhos e tentações e com muita paciência dando graças a Deus. E aquele secretamente entrou por outra parte, e assim como lobo na presa, saltou na virgem do Senhor pondo-lhe pano na boca por que não bradasse, trigosamente lhe tirou a cógula e deixando-a em saia lhe meteu um cutelo pela garganta. E assim a esposa de Cristo deu a

alma nas mãos dos anjos e se foi aos reinos eternos. E tanto que foi morta aquele lançou o seu corpo no rio de Nabão, o qual o levou ao Zêzere, e o Zêzere ao Tejo. E assim foi até o monte e lugar de Cabilicasto, o que ora é dito Santarém, tomando tal nome e compondo-se de Santa Iria.

Mas o matador da santa virgem havendo fala com Remígio monge e sabendo ambos parte da verdade, houveram ambos grandes contrições. Porém, foram devolvidos a penitência e logo se partiram caminho de Roma onde confessando seu pecado fizeram frutos dignos de penitência, e é de crer que tanto bem mereceram receber por intercessão da santa virgem esposa de Cristo, Iria.

[...].

## PORTUGUESIA

### **Desenrascanço**

capacidade de alguém se “desembaraçar engenhosamente de uma situação problemática”.

### **Cafuné**

gesto de “passar as mãos pelo cabelo de alguém amado”.

### **Colo**

“área do corpo formada pelo peito e braços”, sinónimo de dar carinho.

### **Desbundar**

perder as inibições durante um momento de diversão.

### **Despejo**

sinónimo de ousadia ou descaramento, descompostura ou falta de reservas/inibições (se usado em sentido pejorativo).

### **Ficar**

“condição” para definir uma mudança de estado psicológico, por exemplo “ficar feliz”.

### **Jeito/Jeitinho**

forma de fazer algo por outros meios (“muitas vezes contornando as regras ou convenções sociais”), como na expressão “fazer um jeitinho”.

### **Saudosismo**

movimento que promove a saudade enquanto valor espiritual nacional com poder transformativo.

### **Saudosista**

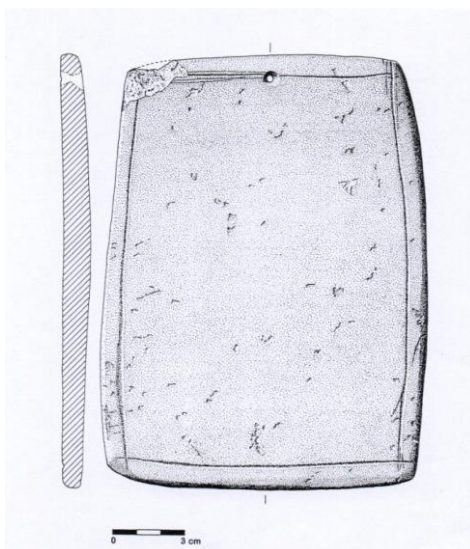
adepto do saudosismo.

## PRIMEIRA PEDRA

(a propósito do 1º aniversário do lançamento da Pedra Fundamental do Museu Hermético Português, em 13 de Outubro de 2019)

A pedra de fundação figura o *umbilicus terrae*, ou *omphalos*, centro primordial do mundo.

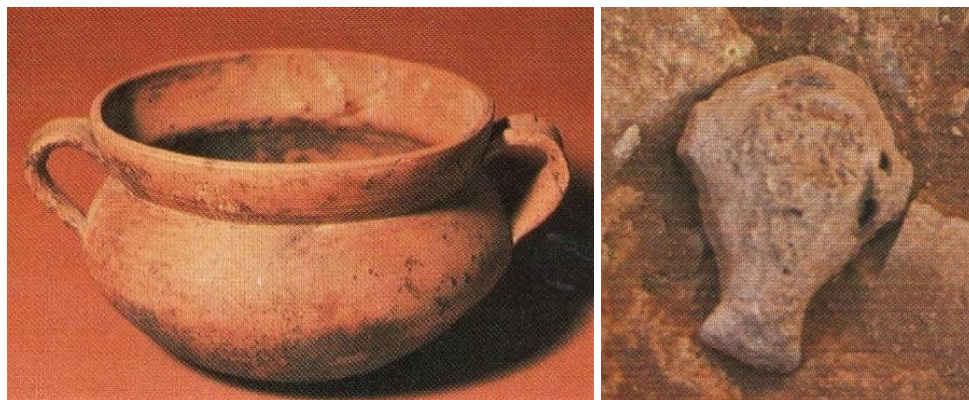
O cerimonial de fundação remonta, pelo menos, ao Neolítico, porquanto têm sido recolhidas placas lisas de grauvaque no interior de alvéolos de fixação de monólitos integrados em conjuntos megalíticos (cromeleques), caso, entre outros de Lavajo II.



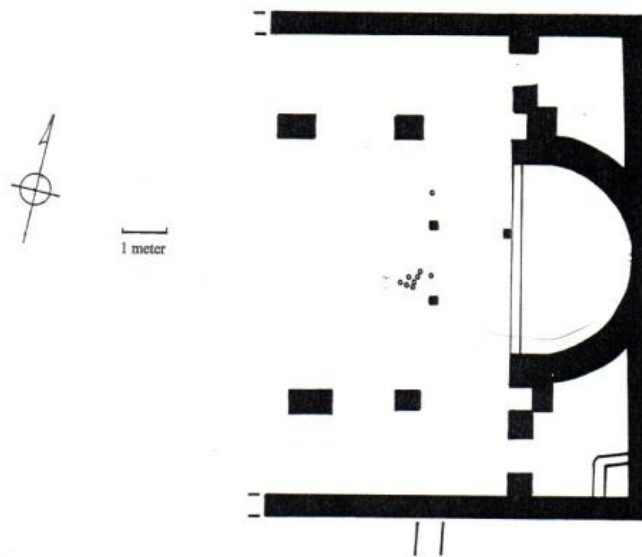
Placa lisa de grauvaque cinzento-esverdeado, de Lavajo II  
Polida, com uma das faces emoldurada por fino sulco e munida de orifício  
de suspensão bitroncocónico

Afonso do Paço refere o achado no Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) de uma vasilha que relacionou com um ritual de fundação.

É comum acharem-se moedas, medalhas comemorativas, caixas ou urnas-relicário (*lipsanotecas*), placas apotropaicas (Silves, Albufeira, etc., associadas às portas das alcáçovas), vasilhas com oferendas, ou sacrifícios propiciatórios (mina de Neves Corvo), etc., junto da Pedra Fundamental, ou em locais ritualmente importantes, especialmente sob as portas.



Vasilha com sacrifício propiciatório sob pavimento e lucerna com oferenda  
de osso e cinza do Castelinho dos Mouros (Neves Corvo)

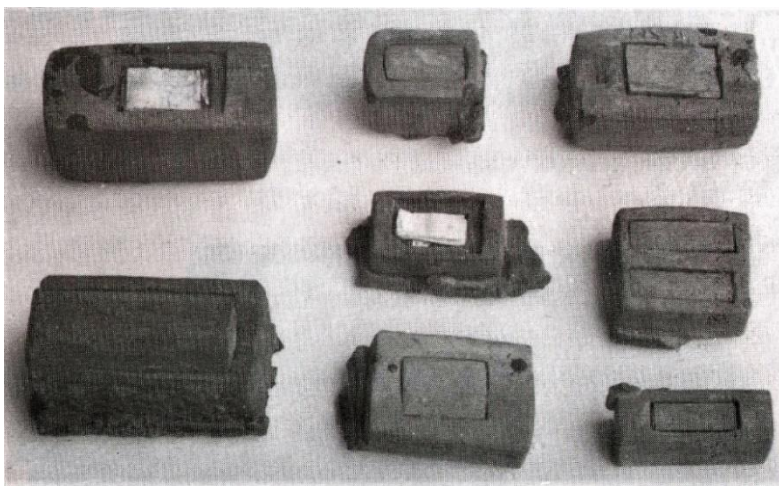


Basílica de Torre de Palma, com a localização das moedas depositadas ritualmente

Em épocas posteriores tornou-se comum o depósito de moedas, ou medalhas <sup>1</sup> junto da pedra fundamental.

Diversas ocorrências desse tipo acham-se registadas, como as seguintes a título de exemplo: Basílica de Torre de Palma <sup>2</sup> e na capela de Santa Luzia (Vila do Conde), onde quando da reedificação da capela-mor no século XVII, foi encontrado um cruzado de D. Manuel I <sup>3</sup>.

Os templos do cristianismo nascente eram edificados sobre o túmulo de um mártir, o qual, enquanto autêntico relicário, se transformava na primeira pedra dos fundamentos da igreja <sup>4</sup>.



Lipsanotecas, ou urnas-relicário

São conhecidas oriundas de S. Torcato (Guimarães), em S. João Baptista de Covas (Vieira do Minho) uma Caixa de vidro e prata substituiu a primitiva lipsanoteca

<sup>1</sup> Ver, por exemplo: Arthur Lamas, *Medalhas comemorativas da Fundação da Igreja do Santíssimo Coração de Jesus – 1779 (da Coleção iniciada por José Lamas)*, in *O Rosário*, a. 7, n. 74 (Set. 1914), p. 432-439.

<sup>2</sup> Cf. John S. Huffstot, *Votive (?) use of coins in fourth-century Lusitania: the builder's deposit in the Torre de Palma basilica*, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, v. 1, n. 1 (1998), p. 221-226.

<sup>3</sup> Cf. J. L. Vasconcelos, *Poesia e Numismática*, in *O Archeologo Português*, v. 11 (1906), p. 65-82. Transcreve poema alusivo do Doctor Juan Antonio de la Peña.

<sup>4</sup> Cf. *Isaías*, XXVIII, 16 e *Mateus*, XVI, 13-19, a propósito da pedra de fundação (do Santo dos Santos) contra a qual as portas do Inferno são impotentes.

Uma lipsanoteca oriunda da igreja velha de S. Torcato (Guimarães) está datada de 1132 <sup>5</sup>. A partir do século XIV começam a surgir inscrições comemorativas do lançamento da *Primeira Pedra*, cujo cerimonial se realizava sempre a um Domingo e implicava elaborada celebração litúrgica <sup>6</sup>.

Afonso X, o *Sábio*, esclarece alguns dos requisitos do cerimonial:

“[...] quando a houverem de começar deve o bispo a vir àquele lugar onde o querem fazer sendo diante muitos homens bons e em aquele lugar onde tiver por bem de ser o altar e deve ficar dos joelhos e rogar a Deus dizendo aquelas orações que são estabelecidas para isto. E quando a oração for acabada deve ele mesmo assentar a primeira pedra e pôr sobre ela uma cruz e sobre aquela pedra deve ser feito o altar. Então deve dizer diante [de] todos como outorga aquele lugar para igreja. Pero antes que isto faça o bispo há-de demandar aos que fazem que assignem alguma herdade que fique sempre para ela e que seja tal de que haja renda por que possam viver dois clérigos ao menos que a servihã. Ca tal herdade como esta é chamada em latim dota. E ainda deve sair desta herdade renda para alumiar uma lâmpada e de que possam os clérigos dar seu direito ao bispo e receberem os hóspedes” <sup>7</sup>.

O mais remoto registo português que conheço reporta-se ao lançamento da primeira pedra do templo românico de Santa Cruz de Coimbra, no dia 28 de Janeiro de 1131, na presença de Afonso Henriques, cavaleiros, Bispo D. Bernardo, muito povo e dos doze fundadores, tantos quantos os Apóstolos. No ano seguinte, a 24 de Fevereiro, a cabeceira já se achava concluída, tendo D. Bernardo, bispo de Coimbra, dito nela a 1ª missa, assistindo Afonso Henriques e os frades crúzios, então já em número de 72 (12 x 6), o exacto número dos discípulos de Cristo.

É uma circunstância frequentemente iconografada, designadamente em retábulos azulejares alusivos à fundação de mosteiros e igrejas. A colocação da pedra fundamental difere da cerimónia de sagração, a qual obedece a preceitos rituais distintos.



Afonso Henriques lança a 1ª pedra da igreja do mosteiro de Alcobaça

<sup>5</sup> Cf. Manuel Real / Mário Jorge Barroca, *Caixas-relicário Medievais do Mosteiro de S. Torcato (Guimarães)*, in *Arqueologia Medieval*, v. 1 (1992), p. 135-168.

<sup>6</sup> Um código alcobacense do séc. XIV [BN: cod. alc. 26] inclui as “bênçãos da primeira pedra”.

<sup>7</sup> *Primeira Partida*, p. 387.

São conhecidas diversas inscrições alusivas à sagração de igrejas, a mais antiga das quais parece ser a que se encontrou em Santiago de Castelo de Neiva, da segunda metade do séc. IX ou, se estiver completa, precisamente do ano 862:

A PRIMEIRA PEDRA : / DESTE CASTELO : FOI : / POSTA : EN DIA  
DE SA / N : MIG(u)EL : E POS AAI : PE / RO : LORENZO DO REGO /  
EN TENPO : DE REI : D / ON : DENIS : ERA : DE MI / L : E TREZEN-  
TOS : E QU / ARENTA : E QUATRO / ANOS :

#### *Castelo de Olivença*

Primeira pedra: 29 de Setembro de 1306 (dia de S. Miguel).

Era : M<sup>a</sup> : CCC<sup>a</sup> : XXXX VI<sup>a</sup> : ANOS : XX : DIAS : DE : / : MAIO :  
COMECAROM : ESTA : TOR(r)E : E : MAMDOUA / : FAZER : DON  
: LOUREnSo : S [Sic] : AFONSO : MEESTRE : DA / : CAVALARIA :  
DA ORDEM : DAVIS : E POS : A PRIMEI / RA : PEDRA : EN O :  
FUNDAMENTO : E NAQUEL(e) TENPO : / REINAVA : EL REJ : DOm  
: DENIS : E A RAINHA : DONA : / HELISABHET [Sic] : SIT :  
NOMinE : DomiNI : BENEDICTUm : ET [...]

#### *Torre do Castelo de Veiros*

Primeira pedra: lançada pelo Mestre de Avis, D. Lourenço Afonso, no dia 20 de Maio de 1308.

SUB : Era : M<sup>a</sup> : CCC<sup>a</sup> : XL<sup>a</sup> VI<sup>a</sup> : VIII<sup>o</sup> : IDus : AP(r)iLis : DomNuS /  
: P(etr)us : NUNI : ABBAS : MONASTerII : DE : ALCO / BACIA : PO-  
SUIT : P(ri)MARIUm : LAPIDEm : In : FUNDAMenTO : CLAusT(r)i :  
EIus / DEEm : LOCI : PreSEnTE : DomiNICÓ : DomiNICI : MaGistRO :  
OPerIS : DICTI : CL / AusT(r)i : QuoD : VIDELICET : CLAusTRUm :  
IUSSIT : FIERI : ILLus / TRISSIMus : DomNuS : DIONISIus : REX :  
PORTUGALIE / ET : ALGARBII : CUM : UXORE : SUA : INCLITA :  
RE / GINA : DomNA : HELISABETH : IN : EXPEnSIS : ProPRIIS : /  
AD : HONOREm : DEI : ET : GLoriOSE : VI(r)GINIS : M(ari)E : OM-  
NIUMQ(ue) / SanCtOrum : ET : AD : GLoriAM : ET : DECOREm :  
PREFATI : MON / ASTERII : PRO : AnImA : SUA : ET : Pro AnImA-  
Bus : ProGENITORum : SU / Orum : IN : MEMORATO : MONASTE-  
RIO : HONORIFICE : / SEPULTOrum : / A(ve) M(arie)

#### *Claustro do Silêncio do Mosteiro de Sta Maria de Alcobaça*

Primeira pedra: lançada pelo Abade D. Pedro Nunes, a 6 de Abril de 1308.

ERA : DE : MIL : CCCC : AN / OS : FERIA : SECUMDA : X / XX :  
DIAS : DE : MAIO : FO / I : EDIFICADA : ESTA : EG / REIA : PER :  
O MUT : NOB / RE : REI : DOM : PEDRO : QU / E : EM : ELA : POSE  
: A PRI / MEIRA : PEDRA : A QUA / L : MANDOU : FAZER : A G /  
OMEZ : L(ourenc)O ALMUXARIFI / E A : VAASCO : MARTII(n)Z : /  
ESCRIVAM : E FOI : ACABA / DA : EM : HUU : ANO :

### *Igreja paroquial de Glória do Ribatejo*

Primeira pedra: 30 de Maio de 1363.

ESTE : MOESTEYRO : MANDO / U : FAZER : O CONDE : DOUREM  
: / DOM : IHOAN [Sic] : AFONSO : E : A CON / DES(s)A : DOMNA  
: G(u)IUMAR : SUA / MOLHER : E FOY POSTA EM E / L A :  
PRIMEIRA PEDRA : SEGUN / DA FEIRA : DEZ E SEYS DIAS : DO /  
MES : DABRIL : DA : ERA : DE : MIL E / CCCC XVIII ANNOS : e  
ERA VEED / OR DESTA OBRA IHOAM [Sic] : AFON / SO SEU  
CRIADO e ALMOXARIFE / O QUAL AQ(u)i IAZ ENT[err]ADO e SUA /  
MOLHER CLARA LOURENÇO

### *Igreja da Graça de Santarém*

Primeira pedra: 16 de Abril de 1380.

### *Igreja do convento de Santa Clara (Porto)*

A cerimónia do lançamento das quatro pedras angulares teve lugar no dia 28 de Março de 1416, tendo-se iniciado pela leitura da Bula papal, endereçada ao Abade de Santo Tirso, D. Martim Aires, que dava posse do terreno às freiras clarissas. Em seguida, o Bispo do Porto levantou uma cruz de cipreste no centro da área demarcada para a edificação do templo. Benzida a primeira pedra, esta seria colocada na parte direita do cruzeiro. D. João I lançou a segunda pedra pelas próprias mãos, no ângulo direito do templo, junto à fachada Ocidental. O Infante D. Fernando a pedra do ângulo oposto e o Infante D. Afonso a pedra do lado esquerdo do cruzeiro, diante da primeira. Assim definido o perímetro do templo, foi o espaço solenemente benzido, após o que seguiu uma missa rezada no interior de uma tenda para o efeito ali montada <sup>8</sup>.

### *Igreja do Convento de Jesus (Setúbal)*

Realizaram-se duas cerimónias de lançamento da primeira pedra:

1. No dia 17 de Agosto de 1490;
2. A 22 de Agosto do ano seguinte, tendo sido lançada nos alicerces “uma pedra branca de 2 palmos lavrada e sagrada com uma cruz e o nome de Jesus esculpido nela” <sup>9</sup>.



Pedra angular da Igreja do Convento de Jesus, com um Y gótico gravado (“o nome de Jesus esculpido”), encontrada durante as obras realizadas em 1940

<sup>8</sup> Cf. Artur de Magalhães Basto, *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, v. 1, Porto, 1934.

<sup>9</sup> Cf. Soror Leonor de São João, *Ob. cit.*, cap. 4º. Na ocasião, D. João II, a fundadora e Boitaca andarm a medir o comprimento e a largura do claustro.

### *Hospital de Todos os Santos (Lisboa)*

D. João II ordenou a fundação deste Hospital a 15 de Maio de 1492, “E nos primeiros alicerces El-Rei por sua mão por honra de tão grande Santo, tão grande e piedoso edifício, lançou muitas moedas de ouro” (Garcia de Resende, *Crónica de D. João II*).

### *Mosteiro dos Jerónimos (Lisboa)*

Não continha o letreiro da [dita] pedra mais que os nomes do Papa Alexandre VI, de El-Rei D. Manuel e de D. Jorge da Costa, Cardeal do título dos Santos Pedro e Marcelino e Arcebispo de Lisboa. Isto teve lugar no ano de 1500, no dia acima referido [6 de Janeiro]; colocando-se na parte em que se edificou a porta principal da Igreja uma urna de pedra, tendo dentro as medalhas e moedas de ouro, prata e cobre do seu reinado”<sup>10</sup>.

### *Igreja de Nossa Senhora da Assunção / São Paulo (Macau)*



A primeira pedra da Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Macau encontra-se na base da fachada, na extremidade ocidental

"Gastaram-se nesta obra (incluindo o campanário com o seu terraço de onde se avista toda a cidade assim como a Barra onde passam os navios) sete mil taeis, mais ou menos, provenientes das esmolas dos habitantes desta cidade" (Carta Anua 1603 [BA]).

A primeira pedra terá sido lançada seguramente depois do começo das obras (iniciadas em 1601), confirma que a cidade de Macau foi o patrono desta obra que terminou em 1603, conforme a inscrição:

VIRGINI MAGNAE MATRI CIVITAS MACAENSIS LIBENS POSUIT. AN. 1602 (à Virgem Mãe a Cidade de Macau livremente consagrou no ano de 1602).

### *Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Santarém)*

Letreiro que se pôs na 1ª pedra que Sua Majestade lançou no fundamento da Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Santarém, a 25 de Janeiro do ano de 1664 [BN: cod. 589, fl. 63r-63v].

### *Igreja de Santa Engrácia (Lisboa)*

Começada a erigir em 1630, conforme consta da “Inscrição comemorativa da colocação da primeira pedra [...] no ano de 1682”: [...] Jam opere jam perfectioni próximo forte colapso Rerum nobilitas Lusitana impelente, ac magnifice adjuvante serenissimo Petro Portugaliae Principe et Moderatore aliud templum, sed elegantioris structural erigere statuit, cuiús primum <lapidem

<sup>10</sup> Abade A. J. de Castro e Sousa, *Descrição do Real Mosteiro de Belém com a notícia da sua fundação*, Lisboa, 1837, p. 15.

fundamentorum idem serenissimus Princepes, pro insita Lusitanis Regibus pietate própria manu jecit Na. MDCLXXXII” [BN: Res. 5-21].

### *Basílica de Mafra*

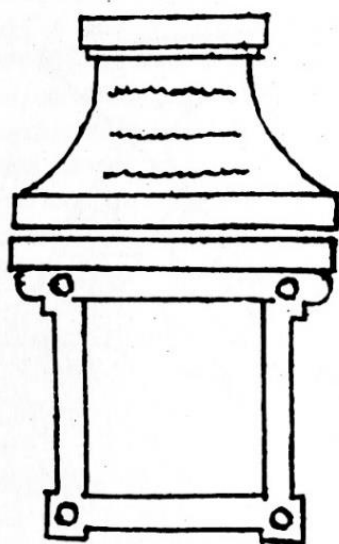
Primeira pedra: 17 de Novembro de 1717

### **Lançamento da Pedra Fundamental da Basílica de Mafra**

A fim de se cumprir a cerimónia aprazada para o dia 17 de Novembro de 1717 com o maior esplendor, quer litúrgico quer mundano, mandou João V armar em madeira pintada a Basílica, de acordo com o plano então aprovado. De tecto serviram velas de navio forradas interiormente com panos de brim, cobertos de tafetás encarnados e amarelos. Razes pendiam das paredes. As portas e janelas foram guarnecidas com cortinas de damasco, de franjas e galões dourados. Mais tafetás vermelhos decoravam a fachada.

Na capela-mor erguiam-se dois sitiais de preciosa tela branca. O do Evangelho, sobre seis degraus e com docel, destinava-se ao rei; o da Epístola, sobre três e sem docel, era para o patriarca D. Tomás de Almeida. O deste era ladeado por credências cobertas de sumptuosos paramentos, destinados à missa de pontifical, e de opulentas peças de prata. Noutra credência estavam a pedra que devia ser benzida, de jaspe, marcada com cruces, medindo 55 cms de comprimento, e a portadora da inscrição comemorativa além de uma urna de mármore, na qual ficariam encerrados: um cofre de prata dourada com os pergaminhos do voto régio e do benzimento da 1ª pedra e da cruz erecta na igreja, dois frascos com os santos óleos, duas caixas de prata dourada com o *Agnus Dei* de Inocêncio XI e o de Clemente XI e doze medalhas (quatro de ouro, quatro de prata e quatro de bronze). Das primeiras, uma tinha os retratos do rei e da rainha, gravados a buril, no anverso e no reverso a planta do templo; outra, no anverso Santo António e o rei ajoelhado ante ele e no reverso a perspectiva de todo o edifício; outra, o retrato de Clemente XI e o seu brasão; a última, o do patriarca D. Tomás e o seu escudo. Em todas havia legendas. Tanto as de prata como as de bronze eram iguais.

Para o monarca havia mais, junto à coluna do cruzeiro, uma tribuna em forma de leito, com balaústres de ébano e cortinas de brocado vermelho. Juncos e espadanas recobriam o chão, no qual serviam panos verdes de alcatifas.



Deo Optimo, Maximo  
Divoque Antonio Lusitano  
Templum hoc dicatum  
Joannes V Lusitanorum Rex  
Voti compos ob susceptos Liberos  
Primumque fundavit Lapidem  
Thomas I Patriarcha Olyssip. Occidentalis  
Solemni ritu  
Sacravit, posuitque  
Anno Dom. MDCCXVII  
XIV Kal. Decembris

*Pedra Fundamental lançada nos alicerces da Basílica de Mafra*

Às 8 1/2 da manhã do dia solene chegou o rei ao terreiro do templo, seguido pela corte, todos a cavalo, cuja pompa dos jaezes se equiparava à das galas dos cavaleiros. Acompanhavam-

no: lateralmente a real guarda alemã e atrás a cavalaria com seus clarins. Logo se organizou a procissão para entrar na igreja. À frente marchava a comunidade dos 64 frades arrábidos; depois, sucessivamente, o clero local, os músicos, capelães de sobrepelizes, acólitos patriarcais, subdiáconos, capelães de capa magna com capelos de arminho e pluviais, beneficiados, cónegos de pluviais de tela branca e mitras bordadas com pedras preciosas (cada um precedido pelos seus criados nobres e seguido por caudatários de sobrepelizes sobre os hábitos patriarcais), o patriarca vestido com peças riquíssimas e coberto com mitra de pedras, os protonotários patriarcais com roquetes e capas magnas, o rei, a corte, o juiz e o corregedor, os vereadores e, por fim, o povo, à volta de 3000 pessoas.

Feita a bênção, cujo cerimonial o rei acompanhou com o ritual nas mãos, dirigiu-se a procissão para o local em que a pedra devia ser colocada, junto do altar-mor, da qual foi portador o patriarca. Aí depostas, essa e a da inscrição, e também a dita urna de mármore, na cova lançou o geral de S. Bernardo, esmoler-mor, doze moedas de cada espécie de dinheiro corrente no reino: doze de ouro, de 4800 réis, doze meias moedas, doze quartinhos e assim do real e meio de cobre.

Este acto executado, regressaram todos à igreja, na mesma forma processional, para assistirem às restantes funções e à missa, da qual disse D. Gabriel Chimbali, mestre de cerimónias da Patriarcal, que nunca vira tanta magnificência em paramentos e cópia de sacerdotes, iam pomposo rito, nas missas pontificais. Só em lugar de cardeais eram cónegos os celebrantes.

Acabada, finalmente, a função, quis o rei dar uma prova pública do seu amor à obra empreendida e da sua portentosa devoção. Num cesto dourado estava uma pedra de palmo e meio. Pegou nela D. João V e, carregando com ela, foi depositá-la piedosamente junto da que fora benzida. Os fidalgos de sua corte, estimulados por esse acto de pia humildade, agarraram em outras pedras iguais, assentes em cestos prateados, e acompanharam o soberano, levando a sua à cabeça o nobre visconde de Ponte de Lima.

#### *Capela-mor da Sé de Évora*

Bênção da primeira pedra: c. 1721.

#### *Igreja dos Clérigos (Porto)*

Primeira pedra: a procissão começou a sair da Misericórdia pelas 4 horas da tarde no dia 2 de Julho de 1732. Seguiram em duas alas grande número de irmãos, [...], acompanhando com suas tochas o andor de Nossa Senhora da Assunção, no qual, aos pés da Virgem, ia a primeira pedra (em quadra, palmo e meio), dourada e tendo gravada em cima a inscrição: *Em 2 de Junho de 1732 annos.*

Chegada a procissão à Rua dos Clérigos, onde fora erguido um altar, procedeu-se ao cerimonial da bênção da pedra.

Depois, no “lugar do cunhal da Igreja que fica da parte do muro da cidade apartada da calçada sete pera oito palmos, e em vinte de fundo, levando os 4 reverendos Irmãos que tinham transportado o andor, a pedra, seguindo-os o Reverendo Mestre Escola, acompanhado dos capeiros, lançaram naquela pia dinheiro corrente no Reino e logo lhe puseram a lâmina de chumbo que levava aberta ao buril uma longa inscrição.

Por cima dela se assentou a primeira pedra que o Reverendo Mestre Escola primeiro caldeou e depois o arquitecto Dom Nicolau Nasoni e se cobriu com outra maior pedra, que juntamente se caldeou.

Depois a procissão recolheu à Misericórdia “com a maior parte da comunidade dos Reverendos Padres de Santo Elói”, entre repiques de sinos <sup>11</sup>.

#### *Convento do Coração de Jesus / Basílica da Estrela (Lisboa)*

Primeira pedra: 24 de Outubro de 1779.

---

<sup>11</sup> Cf. Artur de Magalhães Basto, *Nasoni e a Igreja dos Clérigos*, in *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, v. 13, n. 3-4 (1950), p. 66-67.



Alegoria da tomada de Lisboa aos Mouros (1746) - Afonso Henriques, grato pela vitória, lança a primeira pedra da igreja dos Mártires (destruída pelo sismo de 1755)  
Esboço de uma pintura [MÉv: inv. 669] de Francisco Lusitano para a Igreja dos Mártires

*Monumento a Luís de Camões* (Lisboa)

Primeira pedra: 28 de Junho de 1862.

### **A Primeira Pedra do Monumento a Camões** <sup>12</sup>

Em honra da memória de Camões, que falecera em 10 de Junho de 1580, se erigiu o monumento que celebra o autor dos *Lusíadas*, em 28 de Junho de 1862, reinando el-Rei D. Luís.

<sup>12</sup> In *Arquivo Nacional*, a. 2, n. 74 (9 Jun. 1933).

O poeta morrerá em transe de miséria, depois de ter cantado as glórias de uma Pátria, e na hora em que Ela perdia a sua independência.

Era como se aquela voz, ao sumir-se, fosse como o fim de Portugal que só 60 anos depois ressurgiria.

Como pensar num poeta no momento em que ia submeter-se ao estrangeiro, a musa que o inspirara?

A Nação viveria, porém, sob a égide no futuro através do seu livro evocador.

O auto da colocação da primeira pedra do seu monumento, que publicamos, relembra a justiça feita e encerra toda a história dessa consagração, realizada, ao cabo de duzentos e oitenta e dois anos, da sua morte.

Aos vinte e oito dias do mês de Junho do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, mil oitocentos sessenta e dois, nesta cidade de Lisboa, e praça de Luís de Camões, antes denominada do Loreto, se procedeu à cerimónia da colocação da pedra fundamental do monumento que se vai erigir ao grande poeta Luís de Camões, por subscrição nacional, promovida pela forma seguinte:

Em 1860, o estatuário português Victor Bastos, modelou em gesso um monumento para se erigir a Luís de Camões, representando a estátua do poeta fundida em bronze, de 4 metros de alto, assente sobre um pedestal octógono de 7 metros e 48 centímetros de altura, rodeado de oito estátuas de pedra lioz, de 2 metros e 40 centímetros, que representam: Fernão Lopes (o primeiro historiador português) – Pedro Nunes (cosmógrafo) – Gomes Eanes de Azurara – João de Barros – Fernão Lopes de Castanheda (historiadores das nossas navegações) – Vasco Mouzinho de Quevedo – Jerónimo Corte-Real – Francisco de Sá de Meneses (cantores épicos dos nossos descobrimentos e conquistas); devendo ter o monumento, assim ideado, desde a superfície do terreno até à sua maior altura, 11 metros e 44 centímetros.

Exposto o modelo ao exame público na sala dos paços do concelho municipal de Lisboa, ao mesmo tempo se instituiu uma comissão composta das pessoas abaixo assinadas, não só para julgar o referido modelo, mas também para alcançar os meios de se lhe dar execução.

Depois de aprovado o modelo por Sua Majestade el-Rei o Senhor D. Pedro V, de saudosa e indelével memória, e por seu augusto Pai, el-Rei, o Senhor D. Fernando, que Deus guarde, assim como pelos membros da comissão, publicou esta, em 14 de Junho de 1860, uma circular dirigida a todos os distritos, concelhos e paróquias do reino, e suas possessões, assim como aos consulados de Portugal nas diferentes nações, especialmente ao do império do Brasil, onde residem tantos milhares de portugueses, que sempre briosamente contribuem para todos os cometimentos que engrandecem e honram a pátria, sendo a sua subscrição para este monumento a mais avultada de quantas se recolheram, tanto de nacionais como de estrangeiros.

Realizada a soma necessária para se dar execução ao monumento aprovado, se contratou com o referido estatuário Victor Bastos dá-lo concluído para se inaugurar em 1864, tendo-se previamente decidido que se levantasse na praça do Loreto. Para este fim se requereu à Câmara Municipal de Lisboa a houvesse de conceder, e ao governo de Sua Majestade a denominasse Praça de Luís de Camões. A Câmara Municipal não só anuiu a este pedido, mas à custa da cidade mandou fazer toda a obra necessária para que naquela praça se pudesse levantar o projectado monumento.

Estando já concluído o alicerce, e as obras necessárias para a colocação da pedra fundamental, o marechal duque de Saldanha, presidente da comissão central dos subscritores, assim o comunicou pelo ministério do reino a Sua Majestade el-Rei, que houve por bem mandar expedir, pela secretaria do referido ministério, um decreto tão honorífico para a memória do grande poeta, como significativo do alto apreço em que o mesmo augusto senhor tem as letras e as glórias pátrias. É do teor seguinte:

Havendo-me participado o marechal duque de Saldanha, presidente da comissão central dos subscritores para se levantar um monumento ao grande poeta nacional Luís de Camões, acharem-se concluídas as obras necessárias para a colocação da pedra fundamental; e querendo eu honrar a memória do imortal cantor dos altos feitos portugueses, e das gloriosas navegações e descobrimentos em que para sempre se afamaram no mundo, perante a civilização, as potentes armadas do Senhor Rei D. Manuel, meu ínclito avô, manifestando por esta ocasião o júbilo que me causa satisfazer-se no meu reinado uma dívida que a nação tem há séculos em aberto, resgatada agora por uma subscrição espontânea dos meus leais e amados súbditos em toda a monarquia e fora dela.

Tenho resolvido ir colocar por minhas reais mãos a pedra fundamental do monumento erigido ao immortalizado autor dos Lusíadas, na Praça de Luís de Camões. E mando que este acto se faça com toda a solenidade, para o que se observará o cerimonial constante do programa que

foi submetido à minha régia aprovação, pelo mesmo duque presidente da comissão central dos subscritores, e que baixa assinado pelo ministro e secretário de estado dos negócios do reino.

O mesmo ministro e secretário de estado assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 11 de Junho de 1862. – REI. – Anselmo José Braamcamp.

Em virtude deste decreto, se reuniram pelas seis da tarde, nesta Praça de Luís de Camões, a Câmara Municipal de Lisboa, os ministros e secretários de Estado, os membros de ambas as câmaras do Corpo legislativo, os do Corpo diplomático, os grandes do Reino, titulares e mais pessoas que formam a corte, a Academia Real das Ciências de Lisboa, as corporações científicas e literárias, as deputações de todas as associações operárias, os redactores dos jornais políticos e literários da capital, as autoridades eclesiásticas, civis e militares, e a comissão central dos subscritores que tem contribuído para a erecção deste monumento.

Para esta solenidade se tinha armado ao poente da Praça de Luís de Camões, na varanda da propriedade do cidadão Rafael José da Cunha, uma tribuna forrada de veludo carmesim, franjado de oiro, para Sua Majestade e sua real família, e junto ao alicerce do monumento três pavilhões vistosamente adereçados. No do centro, e sobre uma mesa coberta de veludo, estava o modelo do monumento, e uma escrivaninha com a pena de oiro cravejada de brilhantes, que fora oferecida ao exímio poeta António Feliciano de Castilho, pelos portugueses residentes na província de Porto Alegre, império do Brasil, e por ele espontaneamente prestada para a assinatura deste auto. O pavilhão do lado direito foi destinado para os membros do Corpo diplomático, e o do lado esquerdo para os do Corpo legislativo.



Cofre depositado nos fundamentos da estátua de Luís de Camões (Lisboa),  
actualmente no Museu da Cidade

No meio do alicerce estava a pedra fundamental, apumada e coberta com uma alcatifa carmesim. Junto do alicerce havia dois bufetes cobertos com bancas de veludo carmesim. No do lado esquerdo estava uma padiola forrada de seda azul e branca, e sobre ela um cofre de mármore. No do lado direito uma bandeja de prata com um cofre do mesmo metal, e bem assim seis salvas, contendo a primeira, este auto escrito em pergaminho; a segunda, a lâmina com a inscrição comemorativa; a terceira, as moedas nacionais; a quarta, a trolha de prata com o cimento; a quinta, a colher; a sexta, o camartelo.

A tribuna real, o pavilhão central, e todo o espaço intermédio estavam rodeados por duas alas da Guarda Real dos Archeiros. Numeroso concurso de povo tomava parte nesta festividade nacional e literária.

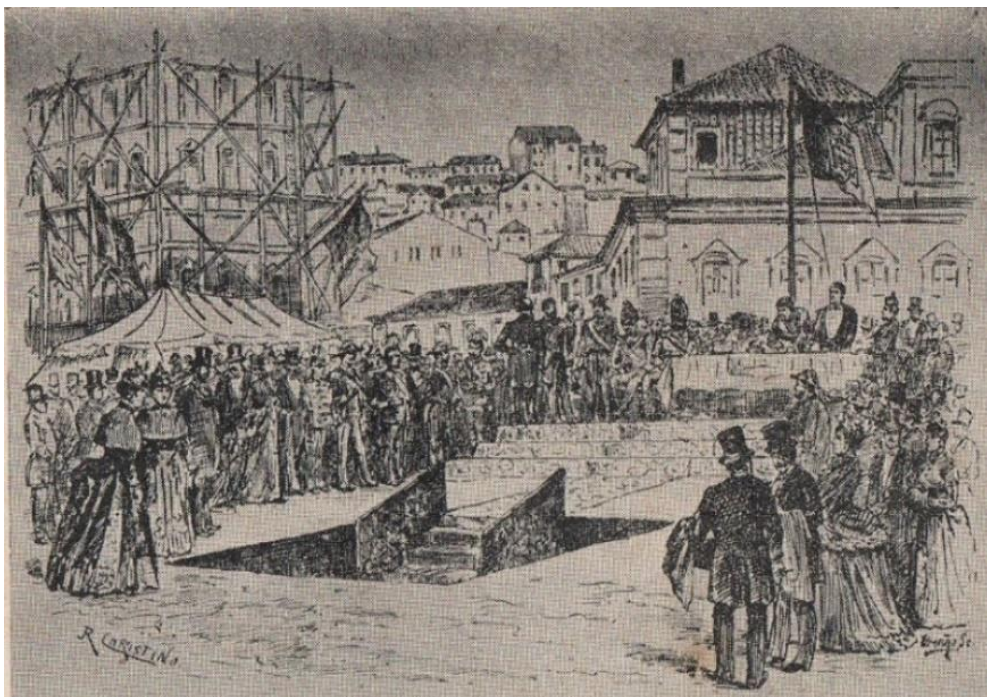
Às cinco, horas da tarde as tropas da guarnição de Lisboa formaram em frente da praça.

Chegando Sua Majestade el-Rei o Senhor D. Luís I, e seu augusto Pai el-Rei D. Fernando, em grande estado, foram recebidos por este cortejo no vestíbulo da tribuna real, indo depois as diversas corporações tomar os lugares que lhes estavam destinados, ocupando Suas Majestades a tribuna real para receberem a continência das tropas da *guarnição* que formavam a parada.

Em seguida encaminhou-se o préstito para o centro da praça, indo adiante os Porteiros da Real Câmara com as massas de prata; os reis de armas, arautos e passavantes com as suas cotas; e logo as corporações, autoridades e mais pessoas convidadas, guardando entre si a ordem da precedência; e por último Suas Majestades seguidos dos gentis-homens da Real Câmara e ajudantes de campo. Tendo Sua Majestade el-Rei subido ao pavilhão real, o duque de Saldanha, presidente da comissão central dos subscritores, leu este auto, bem como a seguinte inscrição esculpida em lâmina de cobre prateado:

NOMINI IMMORTALI – ALOISH DE CAMOENS – LUSITANORUM POETARUM – PRINCIPIS – HOC MONUMENTUM – VOLUNTARIIS ELARGITIONIBUS – FUIT ERECTUM – CUIUS LAPIDEM AUSPICALEM – IN TANTI OPERIS MOLITIONEM LUDOVICUS – PORTUGALIAE ET ALGARBIORUMREX – QUARTOKALENDASMENSIS JULH – ANNO MDCCCLXII – PLAUDENTIBUS CIVIBUS UNIVERSIS – SOLEMNITER FIXIT.<sup>13</sup>

Este auto, depois de assinado por Suas Majestades, pelos ministros e secretários de Estado, pelos presidentes das duas câmaras legislativas, pelo da Câmara Municipal de Lisboa, e pela comissão central dos subscritores, ficará depositado no cofre para este fim destinado, bem como a lâmina comemorativa e as moedas nacionais, fechando-se à chave, a qual será entregue por Sua Majestade, el-Rei ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, para ser guardada com o traslado deste auto no arquivo dos paços do concelho, procedendo-se em seguida à colocação do mesmo cofre na cavidade da pedra fundamental do monumento, com as cerimónias do estilo. E para documento autêntico de que esta solenidade se fez pela forma que dito fica, lavrei e assinei o presente auto, eu Joaquim Pedro de Sousa, secretário da comissão central dos subscritores. (*Seguem as assinaturas*).



Monumento a Fontes Pereira de Melo (Lisboa) cuja 1ª pedra foi lançada em Janeiro 1888

<sup>13</sup> O teor desta inscrição latina, redigida pelo Abade Frescarelli, foi contestado, tendo suscitado uma polémica originada pela publicação de uma *Censura* por António Caetano Pereira (in *A Nação*, 1 Jul. 1862), logo refutada por João António Lopes (in *Jornal de Commercio*, 16 Jul. 1862) e por carta do Abade Frescarelli (idem, 3 Ago. 1862). António Caetano Pereira replicou (in *Jornal de Commercio*, 27 Jul. 1862), tendo sido contraditado por João António Lopes (idem, 27 Ago. 1862) e pelo Abade Frescarelli (in *Portuquez*, 29 Out. 1862). Finalmente, António Caetano Pereira publicaria uma *Confirmação à Censura feita à inscrição latina, introduzida no alicerce do monumento a Camões e refutação de todas as objecções que têm sido feitas contra a censura* [...], Lisboa, 1863.



D. Carlos lança a *Pedra Fundamental* da estátua ao Marechal Saldanha, em Lisboa  
(4 de Junho de 1904)

### *Monumento ao Cristo Rei*

Primeira Pedra: 18 de Dezembro de 1949 (50º aniversário da Consagração do Mundo ao Sagrado Coração de Jesus, por Leão XIII).

Altura do Monumento: 28 metros x 82 metros x 110 metros: “A mais grandiosa estátua de Portugal. Porque é a estátua de Nosso Senhor Jesus Cristo. Erguida em Lisboa, na capital da Nação, porque será obra de todo o povo português. Descomunal em altura, para que todos a vejam e ela a todos fale do amor do nosso divino Salvador e da vontade de Portugal de Lhe ser agradecido, O desagrar da impiedade e O proclamar nosso Rei e nossa Esperança.

*Porque se faz:* Para cumprimento da promessa que os Bispos de Portugal, reunidos na Cova da Iria em 1940 e sob a inspiração, certamente, de Nossa Senhora de Fátima. fizeram ao SS.mo Coração de Jesus, de lhe levantar este Monumento, se Ele nos livrasse dos horrores da guerra”.

### **Lançamento da Primeira Pedra do Cristo-Rei**

[...]. Nos limites do terreno do Monumento, que confinam ao nascente com os da cerca do Seminário de Almada, organizou-se o Cortejo litúrgico com os seus estandartes: Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística, Filhas de Maria, Ordens Terceiras, Acção Católica, etc., precedidos pelos Escuteiros Católicos. Depois os Seminários de Almada e dos Olivais em pleno, membros do Clero, o Sr. Cardeal-Patriarca debaixo do Pálio e acolitado pelos Reverendíssimos Cónegos D. João de Castro (Nova Goa) e José Amaro Teixeira, Vice-reitor do Seminário dos Olivais. Ía de Mestre de Cerimónias Monsenhor Honorato Monteiro, e de ministro do báculo Monsenhor Amadeu Ruas. Atrás os Senhores: D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora; D. João Evangelista de Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Aveiro; D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Mitilene; D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja; D. António Ferreira Gomes, Bispo de Portalegre; D. Manuel dos Santos Rocha, Bispo de Priene e Auxiliar do Patriarcado. Com suas Excelências Reverendíssimas e como representante do Núncio de Sua Santidade estava também Monsenhor Humberto Mozzoni, auditor da Nunciatura. O Cabido da Sé Patriarcal representava-se pelo seu Ex.mo Deão Monsenhor Alberto Carneiro de Mesquita, assistido pelos Rev.mos Cónegos Sarmiento de Figueiredo e António de Campos.

O local da bênção fica no extremo oriental da Quinta, num pequeno promontório sobre o rio. Na ponta erguia-se um altar com uma grande Cruz de madeira. Dava a espalda ao rio e a frente para terra, a fim de que os assistentes, voltados para ele, tivessem sempre diante dos olhos o

panorama deslumbrante de Lisboa e melhor pudessem também contemplar e seguir as cerimónias.

Para melhor acomodação do clero, associações, autoridades civis e militares e convidados, circundou-se o local da bênção com mastros em que flutuavam as bandeiras das Caravelas e as da Fundação de Portugal.

Em torno deste vasto recinto e nos pontos elevados congregou-se a restante multidão.

Entre os convidados destacavam-se os representantes das Câmaras Municipais de Almada e Lisboa e das autoridades civis e militares, do Exército e da Marinha de Guerra, Marinheiros da Escola Naval do Alfeite, engenheiros do Arsenal, professores da Universidade, Provinciais das Ordens Religiosas, Direcções da Acção Católica Masculina e Feminina, Ala do Sto. Condestável, Legião Portuguesa, Mocidade Portuguesa, Noelistas, Conferências de S. Vicente de Paulo, etc., etc.

\*

O Secretariado do Monumento distribuiu ali gratuitamente mais de quatro mil exemplares de uma folha volante com a gravura da estátua, explicações e incitamentos à generosidade dos Católicos.



E, como em vários sectores foi impossível essa distribuição, não será exagerado calcular em mais de cinco mil as pessoas que tomaram parte neste soleníssimo acto, notando-se que era grande o número de homens e o de pessoas de distinção. Não foram feitos convites oficiais ao Governo: só as autoridades civis e militares os receberam e aceitaram com gentileza cativante.

No centro deste recinto tinha o construtor Sr. Diamantino Tojal cavado um sepulcro em rocha viva. Nele seria colocada a pedra, depois de benzida. Era esta de mármore com duas iniciais gravadas: “C. R.”, isto é, Cristo-Rei, e a data: XVIII - XII - MCMXLIX. Com a pedra ficaria sepultado, dentro de um cilindro metálico, um tubo de vidro contendo o *Auto da bênção*<sup>14</sup> e moedas correntes, de prata e cobre, junto com medalhas religiosas de devoção.

---

<sup>14</sup> O texto latino do Auto foi redigido pelo Rev. Padre Acácio Casimiro, da Companhia de Jesus. O Pergaminho onde foi redigido foi desenhado e decorado pela Madre Maria José de Assis Teixeira, Religiosa do Instituto de Santa Doroteia.

O Sr. Cardeal-Patriarca benzeu o local todo, em roda, e depois a Pedra <sup>15</sup>. Enquanto o coro ia entoando a Ladainha de Todos-os-Santos, Sua Eminência assinou o auto; assinaram-no a seguir os Senhores Bispos, as autoridades, o Director do Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Rev. Padre João Cabral, os Provinciais, Presidentes da A. C. e numerosas pessoas de maior representação social. Encerrada a pedra no sepulcro com o Auto, e barrada por Sua Eminência com umas pázadas de cimento, tinha fim a parte essencial da cerimónia <sup>16</sup>.

ANNO DOMINI MCMXLIX - XV KAL. IANUARIII ANNI SACRI JUBILAEI MCML IAM ADVENTANTIS - DIE FESTO EXPECTATIONIS B. M. V. - QUINQUAGESIMO RECURRENTE ANNIVERSARIO AB UNIVERSO ORBE JESU CHRISTI SACRA·TISSIMO CORDI DEVOTO - PIO XII ECCLESIAM REGENTE - OSCARE CARMONA SUPREMO MILITA E DITIONISQUE LUSITANIAE MODERATORE.

EMMUS EMMANUEL CARDINALIS CEREJEIRA OLISIPONENSIS PATRIARCHA - PLURIBUS LUSITANIS ANTISTITIBUS ADSTANTIBUS - CIVILIIUM MAGISTRA·TUUM DUCUMQUE MILITARIUM STIPANTE CORONA - ATQUE FREQUENTI CHRISTIANORUM TURMA PLAUDENTE HUIC PIETATIS MONUMENTO - QUOD INTERPOSITA VOTI RELIGIONE D. O. M. A LUSITANIS EPISCOPIS PROMISSUM FUERAT UT A BELLI TERRORIBUS PATRIA SERVARETUR - PRIMUM LAPIDEM COLLOCAVIT ID UT AD EXITUM FELICEM PERDUCATUR, FAXIT OMNIPOTENS AC SEMPITERNUS DEUS. IN QUORUM FIDEM HOC EXSCRIPTUM DOCUMENTUM SUBSIGNAVERE:

NO ANO DO SENHOR DE 1949: NO DÉCIMO QUINTO DIA ANTES DAS KALENDAS DE JANEIRO DO PRÓXIMO ANO SANTO DE 1950, DIA DA FESTA DA EXPECTAÇÃO DA BEMAVENTURADA VIRGEM MARIA, CORRENDO O QUINQUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA CONSAGRAÇÃO DO MUNDO INTEIRO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, GOVERNANDO A IGREJA UNIVERSAL SUA SANTIDADE PIO XII E SENDO CHEFE SUPREMO DA NAÇÃO PORTUGUESA SUA EX.<sup>a</sup> O MARECHAL ÓSCAR CARMONA.

O EMINENTÍSSIMO CARDEAL MANUEL CEREJEIRA PATRIARCA DE LISBOA. COM A ASSISTÊNCIA DE MUITOS BISPOS PORTUGUESES E RODEADO POR AUTORIDADES CIVIS E MILITARES, ENTRE OS APLAUSOS DE NUMEROSO CONCURSO DE FIÉIS, LANÇOU A PRIMEIRA PEDRA A ESTE MONUMENTO QUE FORA PROMETIDO COM VOTO, PELO EPISCOPADO PORTUGUÊS PARA QUE A PÁTRIA FICASSE ILESA DOS HORRORES DA GUERRA.

CONCEDA DEUS OMNIPOTENTE E SEM·PITERNO QUE ESTA OBRA SEJA LEVADA TERMO FELIZ. E PARA CONSTAR SE LAVROU ESTE DOCUMENTO QUE VAI SER ASSINADO:



Placa comemorativa do assentamento da *Pedra Fundamental* dos Fornos da Covina (Santa Iria da Azóia)

<sup>15</sup> A pedra benzida apareceu partida mais tarde.

<sup>16</sup> In jornal *O Monumento* (Mar. 1950).

*Museu Hermético Português (Vila Nova da Barquinha)*

A Pedra Fundamental foi lançada a 13 de Outubro de 2019.



SAUDADE

---

13.10.2019

Primeira Pedra do Museu Hermético Português



Primeira Pedra do Museu Hermético Português

⊙ ♂ ♁ ♀

♁ ♂

♁ ♂ ♀ ♁ 1139

♀ ♂ ♁ 1139

⊙ Δ ♁ 1139

♁ Δ ♀ 1139

♁ Δ ♁ 1139

#### Bibliografia

CASTRO, Luís do Pilar Pereira de, *Discurso que na cerimonia da collocação da primeira pedra fundamental para o monumento da Immaculada Conceição de Maria Santissima, no Monte Sameiro, junto a Braga pronunciou*, Braga, Typ Lusitana, 1863 [BN: VAR. 333 (10º)]; FIGUEIREDO, António Pereira de, *Oração encomiastica e sagrada a El Rei Nosso Senhor lançando por suas reaes mãos a primeira pedra ao magestoso Templo do Coração de Jesus* [S.l., s.n., 18--], p. 425-437 [BN: 653 (11º) V]; GANDRA, Manuel J., *Noese e Técnica do Símbolo 2 – indagações acerca do imaginário e da cultura simbólica*, Mafra – Lisboa – Rio de Janeiro, 2017; IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual [*Benção da primeira pedra da nova igreja de Ponte de Vagos*], Coimbra, [s.n., 1971] [BN: R 13303 V]; MATOSO, Dionisio, *Sermam, que na funçam de lançar a primeira pedra para a nova Igreja, que [...] se edifica para haver de ser ber collocada a milagrosa imagem do Senhor Jesus com o título da Pedra junto à Villa de Obidos, pregou o M.R.P.M. Fr. Dionysio Matoso...*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1743 [BN: R 5536 (12º) V]; MINHAVA, Ângelo do Carmo, *Subiu ao céu* [Música impressa]: *schola a 3 vozes, povo e solo: Ao Rev. mo Arcipreste de Montalegre P. José Alves: no lançamento da primeira pedra duma Igreja a edificar em honra de Nossa Senhora da Conceição de Montalegre* / letra e melodia de [...], harmonização de P. Luís Rodrigues, Braga, Missões Franciscanas, 1949 [BN: MP 1177 (1º) A]; NEVES, Eduardo Augusto da Silva, *A propósito do 50 aniversário do lançamento da primeira pedra do edificio da Sociedade a Voz do Operário*, s. l., 1963; O MONUMENTO de Arnoza de Pampelido logar do desembarque de S. M. I. o Senhos D. Pedro, à frente de exercito libertador em 8 de Julho de 1832: *collocação da sua pedra fundamental*, Porto, Imp. de Álvares Ribeiro, 1840 [BN: HG 12487 (2º) V]; PRADO, João de S. José do, *Monumento Sacro da Fabrica, e Solemnissima Sagração da Santa Basilica do Real Convento, que junto á Villa de Mafra dedicou a N. Senhora, e Santo Antonio A Magestade Augusta do Maximo Rey D. João V*. Escrito por Fr. [...], Religioso da Provincia da Arrabida, e primeiro Mestre das Cerimónias da dita Basilica, Lisboa, Miguel Rodrigues, Impressor do Eminent. Senhor Cardeal Patriarca, 1751; SANTOS, Alfredo Elviro dos, *Monumento a Pio IX: visita do [...] D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa [...] á cidade de Guimarães por occasião do lançamento da primeira pedra do monumento[...] em honra do Summo Pontifice Pio IX*, Braga, Typ. Lusitana, 1882 [BN: HG 6810 (7º) V]; SEQUEIRA, Bento de, *Sermam que o Padre [...], Reytor do Collegio da Universidade de Coimbra, pregou em Santa Clara, à primeira pedra do Templo & Convento Real, que a Real Magestade delRey Dom Ioam o IV levanta À Rainha Santa Isabel sua Auoo no Monte da Esperança & Tresladaçam de suas Reliquias, & mudança das Religiosas para o Templo, & Convento novamente levantado*, Coimbra, Paulo Craesbeeck, 1649 [BN: R 21779 (21º) P]; TAVARES, João Peres de Macedo de Sousa, *Soneto: a EL Rey nosso senhor, lançado a primeira pedra na igreja que edifica a divindade no mesmo lugar onde o quizerão assassinar*, [S.l. : s.n., 17--] [BN: L 30865 V]

**MANUEL J. GANDRA**



## OUTUBRO

**10** Sábado / 14.30 h  
**CAVALARIA ESPIRITUAL**

*A Demanda Intemporal*  
Quarta sessão

(Consulte programa específico, exclusiva para sócios)

**17** Sábado / 14.30 h  
Seminário Permanente I

**HERMETISMO**

1. *Estados alterados e intermédios de Consciência* (cont.)  
Manuel J. Gandra

(Consulte programa específico, mediante inscrição)

**24** Sábado / 14.30 h – 18.30 h

**A ALMA DE PORTUGAL**

***O Baptismo da Água***

João Pedro Silva

(mediante inscrição)

**30** Sábado (e 1 Novembro - Domingo)

14.30 h - 18.30 h

**TANATOLOGIA**

**Arte de bem morrer**

Seminário *on-line*

(Consulte programa específico, mediante inscrição)



## MUSEU HERMÉTICO PORTUGUÊS



**O Museu reabre no dia 1 de Agosto de 2020,  
com novas regras de acesso.**

## VISITAS – EXPOSIÇÕES - EVENTOS



### **POLÍTICA DE ACESSO AO MUSEU HERMÉTICO PORTUGUÊS**

O MHP é um espaço polivalente, cenário e palco das suas próprias actividades e celebrações, bem assim como das promovidas pelas diferentes Secções de Saudade Associação (concebidas para uma ampla gama de interesses e sensibilidades).

**O MHP está aberto ao público durante os períodos em que decorram actividades públicas (entrada livre) programadas pelo próprio Museu, pela Saudade, ou pelos Parceiros institucionais.**

**Todas as visitas à Colecção do MHP são guiadas, sendo indispensável pré-agendá-las ([museuhermetico@maresaudade.org](mailto:museuhermetico@maresaudade.org)).**

**A entrada no MHP é universalmente gratuita, salvo quando decorram actividades ou eventos reservados, mediante inscrição, ou em circunstâncias excepcionais.**

É permitido desenhar e fotografar (sem *flash* e *tripé*).  
Os visitantes com restrições motoras, visuais, auditivas, ou outras,  
deverão ser acompanhados por técnicos e assistentes habilitados.  
O MHP disponibiliza instrumentos lúdicos para crianças dos 5 aos 10 anos  
que acompanhem os pais envolvidos em algum evento  
a decorrer nas instalações de Saudade.  
O MHP dispõe de um espaço onde encontrará livros, folhetos e objectos, os quais  
podem ser adquiridos mediante donativo de valor correspondente, com vista ao apoio  
às actividades de Saudade Associação, do MHP e da sua Biblioteca-Arquivo.  
O MHP dispõe de bengaleiro e de sistema *wireless*.

### INTERDIÇÕES

Tocar nos objectos expostos no MHP;  
Comer, beber e fumar nas instalações do MHP;  
Entrar no MHP com malas de viagem e mochilas de grande dimensão.

Visite o sítio [www.maresaudade.org](http://www.maresaudade.org) para obter informação adicional  
sobre o propósito do MHP, a sua colecção e programas de actividades



# **PESQUISA – APRENDIZAGEM – DESCOBERTA**

## ***Museu Hermético Português***

Seminário Permanente I – *Hermetismo*

*Exposições temporárias*

*Conferência anual*

*Ciclos de palestras:*

*Portugal Sobrenatural / História Mal Contada / Iniciação e Ordens Iniciáticas*

*Celebrações: Festival do Labirinto*

**Semanalmente, é publicado no canal *Youtube* um vídeo sobre um objecto da colecção do MHP, ou sobre um livro, ou documento do acervo da sua Biblioteca**

**Mensalmente, são divulgadas Entrevistas, Conversas ou Tertúlias, sobre objectos, livros, documentos, ou temas relevantes**

***Cavalaria Espiritual: a demanda intemporal***  
**(formação permanente, exclusiva para sócios: consulte programa)**

## ***Observatório dos Milenarismos***

*Das Quatro Idades ao Quinto Império:*  
*imagens e relatos míticos, clássicos e contemporâneos*  
leitura, reflexão e discussão moderada por escritores, artistas, cientistas, etc.

*Viver com os Deuses: Além e Utopia*

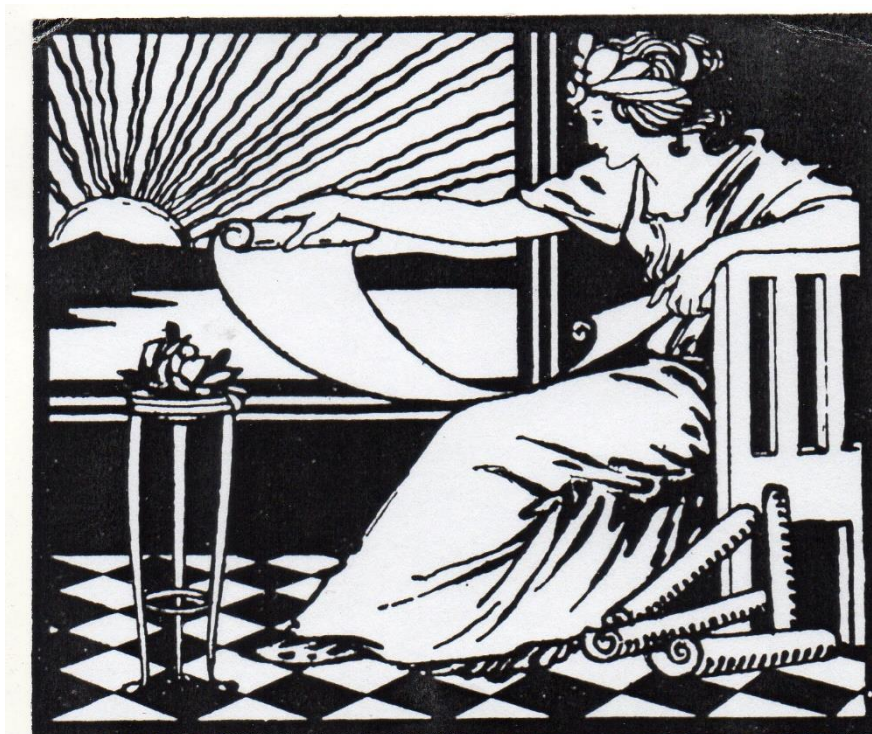
Bienal

## ***Portuguesia e Relações Internacionais***

Encontros com personalidades da Portuguesia

*Leia o livro e conheça o autor:*  
leitura em grupo, encontro com o autor e discussão sob a sua orientação

Seminário Permanente III (**exclusivo para sócios**)



### ***Centro de Simbólica e do Imaginário***

Programas interactivos para adolescentes e jovens de todas as idades (2 horas):

1. *Estúdio de desenho*: dê asas à sua imaginação e criatividade;
2. *Programas de estudo e descoberta*: desvele competências artísticas inesperadas e explore materiais e técnicas para conceber a sua obra de arte;
3. *O Museu fora de Horas*: música, cinema e performance

Programas interactivos para professores e formadores  
(um dia; meio-dia; 2 horas):

1. Explore objectos maravilhosos e excepcionais, estabeleça novas conexões e desenvolva estratégias criativas de ensino, susceptíveis de suscitar a capacidade de observação dos estudantes e encorajá-los a prestar atenção aos detalhes;
2. Conheça e examine a obra de artistas que quebraram as regras, destruíram barreiras e contestaram ideias estabelecidas, influenciando a inovação;
3. Descubra como Tradições, hábitos e tesouros históricos de contextos culturais exóticos podem tornar-se relevantes para o quotidiano dos estudantes.

Programas para as férias escolares (um dia; meio-dia):

1. *Olho vivo – vista educada*: aprenda a escrutinar uma obra de arte, a técnica utilizada pelo artista e o respectivo significado. Examine grandes obras de arte sob perspectivas diferentes e não convencionais
2. *Trilhos da Arte*: visitas de estudo em grupo;
3. *Ciência nas Belas Artes*
4. *Música nas Belas Artes*

Seminário Permanente II – *Noese e Técnica do Símbolo*



# TANATOLOGIA

## arte de bem morrer

**Manuel J. Gandra**

**Seminário *on-line***

**31 de Outubro – 1 de Novembro 2020**

Fim de semana / 14.30 h – 18.30 h

**25 euros (45 euros, incluindo livro e documentação)**

Sócios de Saudade Associação e Amigos do MHP: **20 euros**

**(40 euros, incluindo livro e documentação)**

**(inscrições presenciais limitadas a 10 participantes)**

O termo da vida é um estágio inexorável para todos que requer dos circunstantes e assistentes um singular conjunto de competências.

Todavia, ninguém, começando pelos profissionais da saúde (médicos, enfermeiros e congéneres), é preparado para acompanhar e assistir os seus familiares, os pacientes e os moribundos, auxiliando-os a morrer em paz e a vivenciar plenamente os estados intermédios de consciência que hão-de percorrer após abandonarem este plano de existência.

A actualidade do tema é indiscutível, ou não fora a Morte, que carece de nome próprio, mas é descrita no livro de *Job* (XXVII, 22) como “um ser inteligente” e no *Apocalipse* (VI, 8), “sentada num cavalo branco”, o derradeiro e magno mistério susceptível de desvelar a natureza e destino da humanidade, sem embargo das suas inúmeras assunções idiossincráticas.

Morrer é expirar, isto é, exalar o último suspiro, ideia arcaica e, todavia, perene, porquanto bíblica, segundo a qual a alma (*anima* e *spiritus*) é da natureza do vento... sopro divino diz o *Genesis* (II, 7).

Natural, por conseguinte, a admissão da morte como resultante da fuga desse sopro divino pela boca <sup>17</sup>: “Tendo a alma na boca”, diz com propriedade Garcia de Resende, reportando-se à agonia de D. João II <sup>18</sup>.

O senso comum assevera que três modalidades muito distintas de morte há, face às quais a atitude dos circunstantes varia em conformidade: morre-se de velhice, de doença, ou de forma violenta (suicídio, homicídio ou acidente), a denominada má morte <sup>19</sup>.

Face ao constatado, que influências terão concorrido para a imagem suja e negativa da morte hodiernamente dominante no contexto nacional? E que terá causado a descrença na vida após a morte, património nosso e avoengo?

Apontam-se três ordens de factores cruciais:

1. Por intermédio de uma “pedagogia do medo” a Igreja logrou fazer triunfar a ideia de que um cristão deve estar constantemente preparado para a morte, porquanto esta chega, inesperadamente, a qualquer momento (*mors certa, hora incerta*).

A catequese e a pregação, mas também a literatura e a arte instilaram o receio de uma eventual morte súbita, impeditiva do arrependimento dos pecados e da expiação das faltas cometidas.

2. A morte de Deus e a concomitante laicização da soteriologia cristã da salvação individual, propagandeada pela filosofia iluminista e doravante instalada nas mentalidades enquanto corolário da recusa de assumir a transitoriedade da vida.

3. A medicalização da morte, insidiosamente induzida sob a capa das preocupações higienistas, as quais aprofundaram o medo ao proclamarem que inúmeros indivíduos eram enterrados vivos pela Igreja.

Com esse argumento e a garantia da extensão do tempo de vida (*esperança de vida*, ou prolongamento artificial dela) o médico substituiu definitivamente o padre à cabeceira do moribundo.

Remanescem, todavia, muitas interrogações e dúvidas que tais constatações não esclarecem:

Pode-se ajudar a morrer sem recorrer à eutanásia? O que acontece, efectivamente, quando ocorre o trânsito: dos estados alterados de consciência aos intermédios? Quais as etapas e os sinais da consumação da morte? A morte é susceptível de ser cartografada? Por que razão alguns indivíduos regressam de uma quase-morte temporária? É possível discernir a morte no céu natal de um indivíduo? Quais os aspectos espirituais, psicológicos, somáticos e sociais do confronto e experiência da morte? Que procedimentos adoptar com o cadáver imediatamente após o óbito? Qual o destino mais adequado para o cadáver: inumação, incineração, cremação? Qual a função dos ritos e dos sufrágios na transição? Que sentido tem a imaginária tanatológica? Por que existem almas errantes que assombram os vivos? <sup>20</sup>

Enfim, alguns dos temas que este seminário visa sondar, numa perspectiva compreensiva e holística, bem assim como apontar formas mais consentâneas de cuidar e, em suma, de devolver a dignidade ao processo de transição na sua globalidade.

Outros temas a abordar:

A sabedoria empírica e as práticas tradicionais associadas à morte / Música, arte e oração enquanto paliativos para moribundos e pacientes em coma / Suicídio e eutanásia / Os corpos incorruptos.

---

<sup>17</sup> A Judas, caso único, a alma não podendo sair pela boca que beijara Jesus, evadiu-se pelo abdómen rompido, juntamente com as vísceras.

<sup>18</sup> Cf. *Vida e feytos del Rey Dom Ioam Segundo*, cap. 212.

<sup>19</sup> A morte das crianças é geralmente omitida.

<sup>20</sup> A sombra corresponde na crença popular ao duplo do corpo e a sua separação dele pressupõe a morte. É aliás por esta razão que os fantasmas e as *Almas Penadas*, não projectam sombra. Mais não são que uma espécie de mortos-vivos, corpos animados por energias negativas, geralmente originadas por situações excepcionais de violência, despeito ou vingança.



**PARA CONHECER E EXPLORAR O  
MUSEU HERMÉTICO PORTUGUÊS  
A PARTIR DE CASA**

Subscreva o canal *Youtube* de Saudade (<https://bit.ly/3eVg4NR>)  
assine o boletim informativo mensal ROSA DOS VENTOS  
(<https://bit.ly/3eWEUgr>)  
visite e explore o nosso *Sítio* ([maresaudade.org](http://maresaudade.org)),  
ou acompanhe-nos no *Facebook* (Saudade Associação)

## **DESCUBRA AS VANTAGENS E BENEFÍCIOS DE SER AMIGO DO MUSEU HERMÉTICO PORTUGUÊS**

As verbas de que o MHP dispõe cobrem apenas uma pequena parte do orçamento alocado para o seu funcionamento. Sem o apoio de Amigos e Doadores o MHP não logrará concretizar a missão que se propõe, mantendo e consolidando as suas actividades e as da Biblioteca-Arquivo.

Para ser Amigo do MHP bastará realizar uma doação de pelo menos 50 euros (semestral) ou de 100 euros (anual).

Desse modo apoiará as actividades promovidas pelo MHP.

Tal donativo conferir-lhe-á os seguintes benefícios (semestrais ou anuais):

- Acesso gratuito e ilimitado ao MHP e à sua Biblioteca-Arquivo;
- Inscrição gratuita em dois eventos semestrais ou quatro anuais, à sua escolha;
- Possibilidade de se fazer acompanhar por um familiar ou amigo, os quais também beneficiarão dos mesmos descontos;
- Participação em celebrações e eventos especiais;
- Convites para pré-inaugurações de exposições;
- Direito a lugar sentado nos eventos, etc.;
- Acesso a áreas privadas do MHP e da sede de Saudade Associação;
- Descontos em todas as iniciativas e eventos promovidos pelo MHP;
- Descontos nas edições do MHP;

Junte-se aos Amigos do MHP, uma comunidade em expansão, de entusiastas que apoia os nossos programas, colecções e exposições. Gratos por manter o conhecimento vivo, livre e acessível a todos.

**DE QUE ESTÁ À ESPERA?  
TORNE-SE AMIGO HOJE! OS AMIGOS CONTAM!**

Beneficie de tudo quanto lhe proporcionamos e oferecemos!  
Venha vivenciar a *Ciência das Idades* num espaço consagrado e de eleição!

Consulte formas de adesão e ficha de inscrição no sítio de Saudade Associação  
([maresaudade.org](http://maresaudade.org))

**O MHP precisa do seu apoio para concretizar o seu propósito.  
Torne-se SÓCIO DE SAUDADE, ou FAÇA UMA DOAÇÃO**